

TESTEMUNHO DA SHOAH E LITERATURA

Márcio Seligmann-Silva⁷⁷

A questão do testemunho tem sido cada vez mais estudada desde os anos 1970. Para evitar confusões devemos deixar claro dois pontos centrais: (a) Ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma *face da literatura* que vem à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. Nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o “*teor testemunhal*” que marca toda obra literária (mas, repito, que aprendemos a detectar a partir da concentração deste teor na literatura e escritura do século XX). Este teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o “real” e a escritura. (b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação.

O conceito de testemunho concentra em si uma série de questões que sempre polarizaram a reflexão sobre a literatura: antes de qualquer coisa, ele põe em questão as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo. E mais: o testemunho aporta uma *ética da escritura*. Partindo-se do pressuposto, hoje em dia banal, que não existe “grau zero da escritura”, ou seja, a literatura está ali onde o sujeito se manifesta na narrativa, não podemos deixar de reconhecer que, por outro lado, o histórico que está na base do testemunho exige uma visão “referencial”, que não reduza o “real” à sua “ficção” literária. Ou seja, o testemunho impõe uma crítica da postura que reduz o mundo ao verbo, assim como solicita uma reflexão sobre os limites e modos de representação.

O conceito de testemunho tornou-se uma peça central na teoria literária nas últimas décadas devido à sua capacidade de responder às novas questões (postas também pelos estudos pós-coloniais) de se pensar um espaço para a escuta (e leitura) da voz (e escritura) daqueles que antes não tinham direito a ela. Daí também este conceito ter um papel central nos estudos de literaturas de minorias. Pode-se, de resto, estabelecer uma relação de proximidade entre este conceito e o de “minorização”, desenvolvido nos Estudos Culturais a partir da noção de “*littérature mineure*” de Deleuze e Guattari.⁷⁸ Se para estes autores nesta literatura “tudo é político”, o mesmo se passa com a literatura onde o teor testemunhal tem um local preponderante. Assim vemos também aumentar o papel desempenhado por este conceito nos estudos de literatura homossexual e nos “*gender studies*” de um modo geral, onde a escritura

⁷⁷ Márcio Seligmann-Silva é professor livre-docente de Teoria Literária na UNICAMP e pesquisador do CNPq. É autor de *Ler o Livro do Mundo* (Iluminuras, 1999), *Adorno* (PubliFolha, 2003) e *O Local da Diferença* (Editora 34, 2005); organizou os volumes *Leituras de Walter Benjamin*: (Annablume/FAPESP, 1999; 2ª. edição 2007), *História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes* (UNICAMP, 2003) e *Palavra e Imagem, Memória e Escritura* (Argos, 2006) e coorganizou *Catástrofe e Representação* (Escuta, 2000). Coordenador do Projeto Temático Fapesp “Escritas da Violência”. <http://www.iel.unicamp.br/projetos/escritas/>

⁷⁸ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Kafka. Pour une littérature mineure*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.

autobiográfica representa uma questão fundamental. O tema do testemunho também tem sido analisado com relação às artes plásticas, sobretudo nas discussões sobre o anti-monumento e sobre a relação entre arte e memória.⁷⁹

O testemunho tem sido pensado na Europa e Estados Unidos tanto a partir de leituras que cruzam os discursos da teoria da literatura, da disciplina histórica e da teoria psicanalítica, como também dentro da onda de pesquisas dentro dos *estudos sobre a “memória”* que têm se intensificado muito nas últimas duas décadas, sob a influência das abordagens culturalistas. O discurso testemunhal é analisado neste contexto como tendo a *literalização* e a *fragmentação* como as suas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis). Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de *traduzir* o vivido em imagens ou metáforas. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens “vivas”, “exatas” também marca a memória dos traumatizados. A tradução desses “nós de memória” — desses momentos encapsulados ou enterrados em uma cripta, para falarmos com Abraham e Torok⁸⁰ — é o objetivo da terapia. O testemunho também é de certo modo uma tentativa de reunir os fragmentos do “passado” (que não passa) dando um nexo e um *contexto* aos mesmos. Do ponto de vista do testemunho como *superstes* esse objetivo é sempre uma *Aufgabe*, ou seja, encontra-se no registro aporético sob o qual W. Benjamin pensou a tradução como *double bind*, como tarefa e desistência. Não existe *kátharsis* possível para esta experiência.

A cena do testemunho da Shoah: ela foi pensada em primeiro lugar como uma cena de *tribunal*: aqui o testemunho cumpre um papel de justiça histórica e de documento para a história. Foi este o sentido principal sobretudo da produção de testemunhos no imediato pós-guerra, como foi o caso da importante obra de Primo Levi, *É isto um homem? A segunda cena* característica é mais individual e vê o testemunho como um momento de perlaboração do passado traumático. Aqui passamos a encontrar de modo mais evidente o testemunho como *superstes* (sobrevivente, que sucumbe diante da tarefa de simbolizar a morte que viu de perto). No teor testemunhal encontramos estes dois elementos – o testemunho da história no sentido de *testis* (equivalente ao paradigma da cena do tribunal) e o testemunho da experiência, no sentido de *superstes* –, mas eles se apresentam em diferentes dosagens, variando conforme o autor e a “onda de memória” em que o testemunho foi feito.

O testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas — antes de mais nada, em se tratando da Shoah, dos próprios judeus — que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa “*memória coletiva*” de perseguições, de mortes e dos sobreviventes. Na “era das catástrofes” a identidade coletiva (e mesmo nacional) tende a se articular cada vez menos com base na “grande narrativa” dos fatos e personagens heróicos e a enfatizar as rupturas e derrotas. Daí também a atualidade do conceito de testemunho para articular a história e a memória

⁷⁹ Cf. Horst Hoheisel, Marcelo Brodsky, Andreas Knitz e Fulvia Molina (orgs.), *A alma dos edifícios*, S. Paulo: Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 2004; James Young, *At Memory's Edge. After-Images of the Holocaust in Contemporary Art and Architecture*, New Haven/London: Yale UP, 2000; Aleida Assmann, *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, München: C.H. Beck., 1999; Berg, op. cit.; Ulrich Baer (org.), ‘Niemand zeugt für den Zeugen’. *Erinnerungskultur nach der Shoah*, Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2000; Ulrich Borsdorf e Heinrich Theodor Grütter (orgs.), *Orte der Erinnerung. Denkmal, Gedenkstätte, Museum*, Frankfurt/ New York: Campus, 1999; Marcelo Brodsky, *Nexo. Un ensayo fotográfico*, Buenos Aires: la marca, 2001.

⁸⁰, Cf. N. Abraham e M. Torok, *Cryptonymie — Le verbier de l'homme aux loups*, Paris, 1976.

do ponto de vista dos “vencidos”. O testemunho funciona como o guardião da memória.⁸¹

O risco da ênfase na memória coletiva (em oposição a outras comunidades de “memória coletiva”) é sucumbir no fundamentalismo da memória.⁸² A ética da representação neste caso do fundamentalismo pode levar a uma recaída na lógica do testemunho como uma guerra entre “provas e evidências” que não deixa mais espaço para o diálogo e para a transformação da tradição. A riqueza e o segredo da força da tradição do judaísmo advém justamente do fato de se ter compreendido que a memória só existe no duplo trilho do passado e do presente.

A literatura de teor testemunhal: a noção de “literatura de testemunho” é mais empregada no âmbito anglo-saxão. Aqui poderíamos pensar na importância dos grandes tribunais do pós-guerra (enquanto origem das ondas de testemunho), assim como em um diálogo com os estudos literários latino-americanos (onde o conceito de “testimonio” teve um importante papel desde os anos 1970).⁸³ No contexto de língua germânica, até os anos 1990 costuma-se falar mais de “Holocaust-Literatur”, antes da introdução do conceito de *Zeugnisliteratur* pela via tanto dos estudos da Shoah como da América-Latina. Não procura-se normalmente nessa bibliografia definir de modo estrito qual seria a literatura de testemunho: de um modo geral, trata-se do *conceito de testemunho* e da forte presença desse elemento nas obras de sobreviventes ou de autores que enfocam as catástrofes (guerras, campos de concentração etc., predominantemente do século XX). Os autores estudados como fazendo parte do cânone testemunhal da Shoah (independentemente do fato de serem testemunhas primárias) são: Primo Levi, Paul Celan, Victor Klemperer, Aharon Appelfeld, Jorge Semprun, Jean Améry, Adam Czerniakow, Calel Perechodnik, Robert Antelme, Georges Perec, Charlotte Delbo, Ruth Klüger, Maurice Blanchot, Jean Cayrol, David Rousset, Art Spiegelman, entre outros. Com os estudos que realizam paralelos entre o testemunho da Shoah e o do Gulag, bem como com obras de (ou sobre) sobreviventes de outros genocídios e catástrofes estabeleceu-se uma nova área dedicada ao estudo comparado dos genocídios.⁸⁴

Um exemplo de obra testemunhal da Shoah

Ruth Klüger, *Paisagens da Memória. Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, trad. Irene Aron, S.Paulo: Editora 34, 2005.

Ruth Klüger inicia o seu livro autobiográfico *weiter leben* (sic) com a seguinte epígrafe extraída de uma obra de Simone Weil: “Das Missverhältnis zwischen der Einbildung und dem Sachverhalt ertragen. ‘Ich leide.’ Das ist besser als: ‘Diese Landschaft ist hässlich.’” “Suportar a desproporção entre a imaginação e o fato. ‘Eu sofro.’ Isso é melhor que: ‘Esta paisagem é feia.’” (1998, 7) Esta obra de Klüger foi

⁸¹ Cf. Dulong, op. cit., p. 185.

⁸² Cf. Cf. Margalit, op. cit., p. 61.

⁸³ A noção de testemunho foi pensada na teoria da literatura européia e anglo-saxã a partir do *boom* de testemunhos que foi desencadeado por “ondas de memória”, muitas vezes deslançadas por grandes processos, como o de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém. Cf. Wieviorka, op. cit., 1998. Também o filme *Shoah* de Claude Lanzmann, de 1985 e, posteriormente, o *Schindler's List*, de Spielberg, foram responsáveis por novas ondas de testemunho e funcionaram como catalisadores para a criação dos arquivos de vídeo-testemunhos de sobreviventes da Shoah.

⁸⁴ Cf., por exemplo, os dois volumes organizados por Mihran Dabag e Kristin Platt, *Genozid und Moderne, Bd.1, Strukturen kollektiver Gewalt im 20. Jahrhundert*, Leske, 1998 e *Genozid und Moderne, Bd.2, Erinnern, Verarbeiten, Weitergeben*, Leske, 2000.

escrita e publicada apenas 1992, portanto após quase meio século de sua libertação do Campo de Concentração. Pensando nisso ela escreveu também nesta mesma obra: “Vielleicht war die Verdrängung der erste Schritt zur Bewältigung.” “Talvez o recalque [*Verdrängung*] tenha sido um primeiro passo para o domínio [*Bewältigung*]” (do passado). (215) Este período foi o tempo necessário para ela trabalhar as emoções mobilizadas pela sua experiência concentracionária e de guerra. Essa pausa foi também o que permitiu a reflexão sobre esta diferença entre imaginação e fato e que se “resolveu” na escritura de uma obra onde ambos se combinam, com a certeza de que a “totalidade” da representação é impossível. Paul Ricoeur em sua obra monumental sobre *A Memória, a História, [e o] Esquecimento*, entre muitas reflexões valiosas, recorda que devemos diferenciar o *fato* do *evento*: o primeiro sendo já trabalhado pela representação e o segundo um referente metadiscursivo. Ruth Klüger nos mostra de modo convincente que a literatura testemunhal pode conciliar a desproporção entre imaginação, fato e, ainda, evento, sobretudo se pensarmos este último dentro da categoria da experiência traumática.

Mas esta conciliação não se dá sem rupturas ou auto-questionamentos. Muito pelo contrário, na linha de autores como Primo Levi e Robert Antelme, Klüger introduz constantemente em sua obra a reflexão sobre as possibilidades e limites da representação diante da situação extrema da vivência nos Campos de Concentração. Esses autores trabalham tanto a partir do peso que portam em suas memórias como também com os meios de representação tal como eles foram redimensionados pelas vanguardas. A capacidade ilusória e narrativa da linguagem estava, portanto, sendo posta duplamente em questão. Klüger afirma, por exemplo, que é absurdo descrever o KZ de modo espacial e sobretudo não se levando em conta o tempo que nos separa dele. (78) O ato de recordação está sempre ancorado a um presente. Após ter sido libertada dos Campos de Concentração ela ainda sofreu os bombardeios das cidades alemãs feitos pelos Aliados. Como Sebald sete anos depois o reafirmou no seu *Luftkrieg und Literatur*, Klüger também nota uma desproporção entre as palavras e o evento para tratar desta situação: “Gerade über solche extremen Erlebnisse ist ja erstaunlich wenig zu sagen. Menschliches Sprechen ist für anderes erfunden und gemeint.” “Justamente sobre tais vivências extremas pode-se falar impressionantemente pouco. A fala humana foi criada e pensada para outra coisa.” (190)

Mas a que serve esta nossa fala? Creio que esta questão pode justamente ser iluminada a partir dos limites desta fala. O *lógos* é posto em questão pela lógica da catástrofe e revelado. Não que exista um limite técnico para se descrever um evento catastrófico: a questão é que, por um lado esta descrição sempre será parcial, por outro, ela nunca poderá dar conta da experiência do sobrevivente. É apenas a partir destes dois postulados que pode-se falar de singularidade absoluta da catástrofe. Se Klüger afirma que “Für jeden war es einmalig”, “para cada um era único” (o que se passava) (73; cf. 83), por outro lado ela recorda a verdade banal que “mesmo cada cachorro é único” (70; *alles Geschehen, wie jeder Mensch und sogar jeder Hund, [ist] einmalig*). A língua funciona a partir de universais e o único, singular é sempre abandonado. Esta situação, no entanto, é radicalizada quando se trata de representar a vivência traumática, na sua literalidade tendencialmente absoluta. A língua sempre apaga o singular e coloca o geral no seu lugar: ela é perda a priori. No caso da lembrança traumática, o que não é recoberto pelo simbólico constitui ao mesmo tempo uma *escritura literal* que passa a organizar a dinâmica psíquica do sobrevivente. O traçamento não consegue suprir a carência de representação, ou de apresentação. Isto leva a uma modalidade como que infinita do trabalho de inscrição

do passado. Como escreveu Ruth Klüger, “Wo kein Grab ist, hört die Trauerarbeit nicht auf”, “Onde não existe túmulo, o trabalho de luto não se encerra.” (95).

Parafraseando Adorno podemos dizer que poesia é impossível após Auschwitz, mas ele mesmo reconheceu que de certo modo só é possível se falar na ordem do poético após Auschwitz: este é o *double bind* que comanda as complexas atividades e reflexões artísticas dos últimos 50 anos. Assim também Sarah Kofman escreveu em seu pequeno e impressionante livro *Paroles suffoquées*: “Sobre Auschwitz e depois de Auschwitz, não é possível narração, se por narração entende-se: contar uma história de eventos fazendo sentido.” (21) E citando Blanchot ela continua: “Toda narração será a partir de agora de antes de Auschwitz não importa a data em que foi escrita.” (22) Por outro lado, o evento exige ser narrado. Em primeiro lugar porque o sobrevivente sente esta necessidade e a sociedade tem um compromisso moral de escutá-lo. Em segundo lugar porque os crimes devem ser registrados, documentados e a Justiça tem parte essencial no trabalho de luto e de memória. Para o sobrevivente a escritura tem o papel duplo que caracteriza o arquivamento: ela é deposição, inscrição, memória no sentido de recolhimento e armazenamento de dados, mas é também um ato de separação desta memória. No ato de escritura o passado é como que passado adiante. Sofre um desdobramento que eventualmente pode aliviar o peso da carga da memória traumática.

O livro de Ruth Klüger – que no seu título original indica esta ambigüidade da escrita já no seu título *weiter leben* – mostra como este trabalho de inscrição pode se dar ao mesmo tempo de modo preciso e sem cair no *pathos* descontrolado ou em uma estética da vingança. Sua estrutura apenas aparentemente é linear e cronológica: RK escreve no ritmo das suas recordações, embala seus leitores numa cadeia associações livres e deixa claro que escreve a partir do seu presente. Se ela escreveu em alemão e não em inglês foi porque tinha na mira antes de mais nada o público de língua alemã: visava um diálogo que felizmente deu-se desde a publicação do livro que foi logo aclamado, primeiro na Alemanha e depois em outros países, como uma das principais obras escritas por um sobrevivente dos KZ.

Vale a pena, para terminar este pequeno comentário, citar as palavras de RK que descrevem a situação *sui generis* que desencadeou a escritura desta obra única. Como veremos, o livro se originou em um acidente, ocorrido na Alemanha, mais especificamente em Göttingen, quando a autora pisou na Judenstrasse daquela cidade em 4 de novembro de 1988. Este livro de memória é, portanto, como não poderia deixar de ser, um périplo que costura entre datas e locais. Nesta página que cito partimos de Göttingen em 1988, encontramos a Noite dos Cristais, passamos por obras de Schiller e Dostoievski, pelo destino dos judeus na Alemanha e nos EUA, cruzamos a literatura do Holocausto para chegar ao 9 de novembro, agora de 1989, e que significou a um só tempo o 51º. Aniversário da Noite dos Cristais e o fim da Era iniciada com a derrota de Hitler. A “queda do muro” é mais um “incidente de percurso” que mostra o quanto a vida de RK está enraizada nos grandes eventos e desastres do século XX. O acidente, o acaso que originou a obra de RK, deve também ser somado às centenas de outros acasos que “explicam” a sobrevivência de alguém que passou por Auschwitz. Mas neste caso este pequeno acidente serviu para tirar a autora do fluxo de sua vida. Ele talvez tenha permitido um encontro com aquela outra ruptura que vivia dentro dela. O acidente como que despertou a necessidade de RK passar adiante esta história que ela portava dentro de si e que apenas ela conhecia. Não por acaso esta passagem que cito encontra-se quase no final do seu livro, no epílogo: proustianamente, apenas no fim do caminho percebemos o entrecruzar

constante do passado com o presente. Vemos que o passado mora e é sempre reconstruído no presente. Eu cito (269 s. no original e p.239 trad.):

Escrituras da Shoah no Brasil

A presença do holocausto na literatura brasileira é, devemos deixar claro logo de saída, extremamente marginal. Apesar da participação brasileira nas frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial contra as forças nazistas, não se pode perceber na nossa cultura a presença forte deste fato. É verdade que a Segunda Guerra em si se faz sentir em vários autores, alguns canônicos como no Drummond de *A rosa do povo* (1943-45). Mas o holocausto não tem entre nós a presença que tem em outras literaturas, sejam elas européias mas também nas não européias. O recente sucesso internacional do livro *As Benvolentes*, de Jonathan Littell, publicado na França em 2006, demonstrou a força que a representação do holocausto ainda tem em termos literários.

Por que o holocausto se tornou um tema literário central, como vemos nas obras, entre tantos outros, de Primo Levi, Paul Celan, W.G. Sebald e do escritor chileno Roberto Bolaño (lembramos de seu romance *2666*)? Antes de mais nada, por conta de sua dimensão: em doze anos, e sobretudo entre 1939-45, o Estado nazista alemão matou cerca de seis milhões de judeus, além de outros 15 milhões, pertencentes à oposição e outras minorias, incluindo aí os assassinatos em campo de trabalhos forçados. Este foi um dos maiores crimes de guerra da história da humanidade e aconteceu em pleno século XX, no “coração da Europa”, o continente que nos deu tanto o Iluminismo como o Humanismo. Além do mais, os métodos de assassinato utilizados pelos nazistas tornaram este crime ainda mais digno de memória: matando os perseguidos em câmaras de gás e posteriormente queimando seus cadáveres, a intenção daquele regime era a de impedir a memória daquele genocídio. Ao trabalho de luto daqueles milhões que morreram pela simples execução do decreto que os estigmatizaram como “indesejados sobre a Terra”, acrescenta-se a necessidade de se fazer uma memória do mal para que este tipo de morticínio não se repita.

Apesar do panorama desolador do tratamento desta questão na literatura brasileira, existe uma pequena, mas não por isso pouco importante literatura do holocausto produzida no Brasil. Dentro dela podemos diferenciar, em termos gerais, a ficção escrita por não-sobreviventes e o relato de forte teor testemunhal de imigrantes da Europa. Nesta última categoria encontramos toda uma paleta de gradações, que vai do relato que busca uma objetividade e fidelidade como que tendencialmente “anti-literária”, até os escritos que assumem um tom e um estilo literários. Regina Igel já fez uma importante apresentação da produção escrita sobre o holocausto no Brasil em seu livro *Imigrantes Judeus. Escritores brasileiros* em 1997. Recentemente Berta Waldman escreveu um instigante artigo na revista *Remate de Males* sobre a presença do holocausto na peça “As Aves da Noite” (1968) de Hilda Hilst (1930-2004). Como Waldman notou, no entanto, nesta peça mais importante do que a idéia de se fazer uma memória do holocausto, era a intenção de se fazer uma alegoria da situação política brasileira de então.

Voltemo-nos agora para algumas obras brasileiras que trataram especificamente do holocausto. Dentre as obras daqueles que vivenciaram os horrores na Europa e depois escreveram sobre o holocausto devemos destacar os seguintes livros, todos praticamente esquecidos pela história literária: Joseph Nichthausen,

Quero viver... Memórias de um ex-morto (1972), Bem Abraham, *...E o mundo silenciou* (1972); Konrad Charmatz, *Pesadelos, como é que eu escapei dos forns de Auschwitz e de Dachau (memórias)* (1976), Olga Papadopol, *Rumo à vida* (1979), Alexandre Stolch, *Os Lobos* (1983), Sonia Rosenblatt, *Lembranças enevoadas* (1984) e I. Podhoretz, *Memórias do Inferno* (s.d.). Recentemente foram publicadas as obras: Aleksander Henryk Laks e Tova Sender, *O Sobrevivente. Memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz* (2000) e Sabina Kustin, *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto* (2005).

Não caberia aqui resumir cada uma destas obras. Elas se enquadram na tradição de escritos testemunhais de sobreviventes do holocausto e compartilham, de modo geral, várias de suas características básicas, a começar pela afirmação da necessidade de narrar o ocorrido e justificativa deste gesto como: 1) um impulso para se livrar da carga pesada da memória do mal passado; 2) como dívida de memória para com os que morreram; 3) como um ato de denúncia; 4) como um legado para as gerações futuras; e, finalmente, 5) como um gesto humanitário na medida em que o testemunho serviria como uma memória do mal. Os eventos narrados são apresentados como exemplo negativo visando prevenir, de algum modo, a repetição deste tipo de terror. As narrativas têm uma tendência a se concentrar mais, como é natural, nas experiências vividas no campo de concentração, reservando menos páginas para a vida antes e depois da guerra.

O período no campo de concentração permanece como um intermezzo, uma suspensão dos parâmetros da vida dita “normal”. Os paratextos que acompanham estes livros (introduções, prefácios, textos de orelha e quarta-capa) normalmente enaltecem os sobreviventes pela sua bravura, pelo seu heroísmo e destacam a importância da narrativa como exemplo histórico do que deve ser evitado. Destaco aqui dois livros dos anos 1970 que me parecem dignos de nota: o de Nichthausen, por sua alta qualidade literária e testemunhal e o de Papadopol por representar uma forma freqüente do testemunho praticado nas últimas três décadas do século XX.

A obra de Nichthausen é apresentada por seu prefaciador, Hugo Schlesinger, como sendo “o primeiro relato escrito em português e aqui no Brasil” dentre os sobreviventes dos campos de concentração. O livro de Nichthausen também é talvez o mais bem escrito da literatura de sobreviventes produzida no Brasil. O autor consegue vencer o desafio de narrar sua história e construir um livro de “memórias”, como ele o denomina, com uma forte estrutura narrativa e literariamente muito bem resolvido. A narrativa em primeira pessoa, típica do registro da escrita dos sobreviventes, é mantida, mas ao mesmo tempo o autor reconstrói diálogos e situações cotidianas nos seus mínimos detalhes, gerando um forte “efeito de realidade” no leitor. Se sua estratégia narrativa pode ser chamada e “conservadora”, calcada em modelos do romance realista, nem por isso ela deixa de funcionar muito bem e de resultar em uma obra *sui generis* em termos de toda a literatura de sobreviventes, devido a sua qualidade. Nichthausen narra os eventos que vivenciou desde a invasão alemã na Polônia, quando tinha 11 anos incompletos, passando pela vida no gueto de Andrychow, até a sua libertação em Buchenwald.

A obra de Olga Papadopol está mais próxima deste modelo de narrativa testemunhal que tende ao relatório dos fatos. Publicada em 1979, o ano de fundação do primeiro arquivo de vídeo-testemunhos do holocausto, em Yale, o Fortunoff Video-Archive, o texto poderia ser uma transcrição de um testemunho oral. Suas frases curtas, o estilo seco, as repetições e não-linearidade (apesar da tentativa de encadear uma narrativa linear), bem como a tendência para comemorar o “triunfo” da vida sobre a destruição e a fundação do Estado de Israel, são alguns elementos

comuns entre este textos e muitos vídeo-testemunhos das duas décadas seguintes. Diferentemente de Nichthausen, Papadopol parte da chegada no Brasil para narrar sua sobrevivência. Lemos em seu livro uma formulação como que paradigmática do tema da impossibilidade de esquecimento do trauma da guerra: “Quero me convencer de que a melhor forma para poder viver é tentar esquecer, mas como encontrar a fórmula para apagar as lembranças? O esquecimento é de fato impossível.” Esta impossibilidade de esquecimento da memória do mal, das feridas do passado, remetem, por outro lado, a uma realidade tão distante da do nosso cotidiano que, para o sobrevivente, sempre paira a dúvida, torturante, com relação à credulidade dos fatos que narra.

Passemos às obras dos não-sobreviventes que escreveram sobre o holocausto no Brasil.

O pequeno conto de Jacó Guinsburg, professor de teoria do teatro da Universidade de São Paulo, “O Retrato” foi escrito em 1946 e já por esta data precoce merece destaque. Guinsburg, nascido na Bessarábia em 1921 e emigrado com três anos para o Brasil, é um profundo estudioso da cultura e tradição judaicas. O pequeno conto pode ser lido como uma alegoria do holocausto visto do Brasil, já que seu autor não estava na Europa na ocasião. Partindo da observação de uma foto de um parente na Romênia, o conto apresenta as inquietações de um narrador no Brasil sobre o que se passa com o seu primo retratado na Europa.

Na linha de textos publicados por literatos judeus brasileiros não podemos esquecer algumas das obras de Moacyr Scliar, com destaque para o seu *A guerra no Bom Fim* (1972), e os *Contos do Imigrante* (1956) de Samuel Rawet. Este apresenta nos seus contos uma procissão de seres, imigrantes judeus desiludidos, sós, desterrados que não conseguem superar os traumas de um passado fantasmático que os persegue. Já a novela de Scliar narra a infância de uma criança no Bom Fim, o bairro judeu de Porto Alegre, durante a Segunda Guerra mundial. Trata-se de uma novela que mistura humor e tragédia e tem fortes traços autobiográficos, apesar de narrada por um narrador onisciente e na terceira pessoa. A descrição do cotidiano do bairro, com os judeus recém-imigrados, alguns sobreviventes de campo de concentração (em meio à guerra!), além de uma certa “confusão” entre o território brasileiro e a Europa (trava-se uma batalha contra as tropas nazistas em pleno Bom Fim) dão um tom “surreal” ao texto, marca de outras obras de Scliar.

Dentre os textos literários escritos por não sobreviventes, além de um romance de Roberto Drummond (*Hitler manda Lembranças*, 1984) e de Samuel Reibscheid com seu livro *Breve Fantasia* (1995), com contos que fazem referência ao holocausto, deve-se destacar o livro *A vida secreta dos relógios e outras histórias* (1994), de autoria de Roney Cytrynowicz – também autor de um livro de história sobre o holocausto denominado *Memória da Barbárie* (1990). O livro de contos de Roney, nascido em São Paulo em 1964, é representativo da “segunda geração” de emigrados e tem uma série de referências ao holocausto e à segunda guerra mundial.

Devemos destacar ainda o livro de Halina Grynberg, *Mameloshn. Memória em carne viva* de 2004. Esta obra é uma daquelas que não permite se traçar uma linha entre o testemunho dito “primário” (do sobrevivente) e o “secundário” (dos que não viveram o terror da guerra na carne): ela justamente mostra como os traumas passam de uma geração a outra. Ela merece um destaque especial aqui, por representar uma obra característica da memória do holocausto hoje. Ainda nesta linha de obras, recentemente foi publicado no Brasil uma obra importante. Trata-se do livro *Nas*

águas do mesmo Rio (2005) de Giselda Leirner. Ela narra a história de duas mulheres, Balkis e Guitel na qual Brasil e Europa se entrecruzam, em uma história muito original que faz uma ponte entre o holocausto e os problemas sociais brasileiros hoje.

Diante deste pequeno panorama podemos ver que o holocausto com sua terrível força devastadora, mesmo que de modo rarefeito, está sim atuando em nossa literatura. Afinal, o holocausto transformou a literatura tradicional, a filosofia e nossa visão mesma do homem moderno ocidental. Vimos que este continua sendo capaz de praticar genocídios desta magnitude e o progresso tecnológico não implica progresso moral. O holocausto exige mais do que nunca a literatura para podermos enfrentar a realidade da violência.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, N. e TOROK, M. 1976. *Cryptonymie — Le verbier de l'homme aux loups*, Paris.
- ADORNO, Theodor W. 1977. "Kulturkritik und Gesellschaft", in: *Gesammelte Schriften*, Frankfurt/M.: Suhrkamp, vol. 10.
- AGAMBEN, Giorgio. 1998. *Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*, Torino: Bollati Boringhieri editore.
- The American Heritage® Dictionary of the English Language*. 2000. Fourth Edition.
- ASSMANN, Aleida. 1999. *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, München: C.H. Beck.
- AZEVEDO, Ana Vicentini de. 2001. *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura*, Brasília: EDUNB.
- BAER, Ulrich (org.). 2000. „Niemand zeugt für den Zeugen“. *Erinnerungskultur nach der Shoah*, Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- BALLINGER, Pámela. 1998. "The Culture of Survivors. Post-Traumatic Stress Disorder and Traumatic Memory", in: *History & Memory*, vol. 10, n. 1, spring 1998, pp. 99-132.
- BENJAMIN, Walter. 1972. *Gesammelte Schriften*, org. por R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, vol. IV: *Kleine Prosa. Baudelaire-Übertragungen*.
- BENJAMIN, Walter. 1982. *Gesammelte Schriften*, org. por R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, vol. V: *Das Passagen-Werk*.
- BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes. 2. Pouvoir, droit, religion*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- BENVENISTE, E. 1995. *O Vocábulario das Instituições Indo-européias. Volume II: Poder, Direito, religião*, trad. D. Bottmann, Campinas: UNICAMP.
- BERG, Nicolas, (org.). 1996. *Shoah — Formen der Erinnerung*, München: Fink.
- BORSODORF, Ulrich, GRÜTTER, Heinrich Theodor (org.). 1999. *Orte der Erinnerung. Denkmal, Gedenkstätte, Museum*, Frankfurt/ New York: Campus.
- BRODSKY, Marcelo. 2001. *Nexo. Un ensayo fotográfico*, Buenos Aires: la marca.
- BROOKS, Peter. 2000. *Troubling Confessions. Speaking Guilt in Law and Literature*, Chicago e Londres: University of Chicago Press.
- CARUTH, Cathy (org.). 1995. *Trauma. Explorations in Memory*, Baltimore e Londres.
- CARUTH, Cathy. 1996. *Unclaimed Experience. Trauma, Narrative, and History*, Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press.
- CHRÉTIEN, Jean-Louis. 2002. *Saint Augustin et les actes de parole*, Paris: PUF.

- COQUIO, Catherine (org.). 1999. *Parler des Camps, penser les genocides*, Paris: Albin Michel.
- CRU, Jean Norton 1967. *Du témoignage*, Paris: Pauvert.
- CRU, Jean Norton. 1997. *Du témoignage*, Paris: Alia.
- DABAG, Mihran e PLATT, Kristin. 1998. *Genozid und Moderne, Bd.1, Strukturen kollektiver Gewalt im 20. Jahrhundert*, Leske, 1998.
- DABAG, Mihran e PLATT, Kristin. 2000. *Genozid und Moderne, Bd.2, Erinnern, Verarbeiten, Weitergeben*, Leske.
- DELEHAYE, Hippolyte. 1927. *Sanctus. Essai sur le culte des saints dans l'antiquité*, Bruxelles: Société des Bollandistes.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995. *Kafka. Pour une littérature mineure*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- DERRIDA, J. 1999. "Fora. As palavras angulosas de Nicolas Abraham e Maria Torok", trad. F. Landa, in: Fábio Landa, *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise. Seguido de Fora de Jacques Derrida*, S. Paulo: UNESP/FAPESP, 269-319.
- DERRIDA, J. 1985. "Préjugés. Devant la loi", in: J.F. Lyotard e outros, *La Faculté de Jurer*, Paris: Les Éditions de Minuit, pp. 87-139.
- DERRIDA, J. 1998. *Demeure. Maurice Blanchot*, Paris: Galilée.
- Duden. Etymologie*, Mannheim: Duden Verlag, 1989.
- DULONG, Renaud. 1998. *Le témoin oculaire. Les conditions sociales de l'attestation personnelle*, Paris: EHESS.
- FELMAN, Shoshana e LAUB, Dori. 1991. *Testimony: Literature, Psychoanalysis, History*, London: Routledge.
- FINKIELKRAUT, Alain. 1982. *L'avenir d'une négation. Réflexions sur la question du génocide*, Paris: Seuil.
- FREUD, S. 1970. *Freud-Studienausgabe*, Frankfurt/M.: Fischer Verlag. vol. VII.
- FRIEDLANDER, Saul (org.). 1992. *Probing the Limits of Representation: Nazism and the "Final Solution"*, Cambridge, London: Harvard UP.
- GIBBS, Robert. 2000. "Zeugnis, Prophetie, Spuren", in: *Zeugnis und Zeugenschaft: Jahrbuch des Einstein Forums 1999*, Akademie-Verlag, pp. 137-155.
- Grammatisch-kritisches Wörterbuch von J.C. Adelung*. 1811.
- GUGELBERGER, Georg M. (org.). 1996. *The real Thing. Testimonial Discourse and Latin America*, Durham e Londres: Duke University Press.
- HOHEISEL, Horst, BRODSKY, Marcelo, KNITZ, Andreas e MOLINA, Fulvia (orgs.). 2004. *A alma dos edifícios*, S. Paulo: Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo.
- IGEL, Regina, *Imigrantes Judeus/ Escritores Brasileiros*, São Paulo: Perspectiva, 1997.
- Informazione e Tetimonianza, Archivio di Filosofia*, Organo dell' Instituto di Studi Filosofici, Padova, 1972.
- JAY, Martin. 2002. "Walter Benjamin, Remembrance and the First World War", in: *Benjamin Studies*, vol. 1, n.1, 2002, pp. 187-208.
- KLÜGER, Ruth. 1998. "Zeugensprache: Koeppen und Andersch", in: Stephan BRAESE, Holger GEHLE, Doron KIESEL, *Deutsche Nachkriegsliteratur und der Holocaust*, Frankfurt a.M.: Campus V., 1998, 173-182.
- KLÜGER, Ruth. 1991. *weiter leben. Eine Jugend*, DTV (*Paisagens da Memória. Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, trad. Irene Aron, S.Paulo: Editora 34, 2005)

- LaCAPRA, Dominick. 1998. *History and Memory after Auschwitz*, Ithaca e Londres: Cornell U. Press.
- LAUB, Dori. 1995. "Truth and Testimony: The Progress and the Struggle", in CARUTH (org.) 1995, pp. 61-75.
- LESSING, G.E. 1998. *Laocoonte*, trad. M. Seligmann-Silva, S. Paulo: Iluminuras.
- LEYS, Ruth. 2000. *Trauma: geneology*, Chicago: University of Chicago Press.
- LIPSTADT, Deborah. 1994. *Denying the Holocaust. The growing Assault on Truth and Memory*, Londres: Penguin Books.
- LOFTUS, Elisabeth F. 1993. "The reality of repressed memories", in: *American Psychologist*, 48:5 (May, 1993) 518-537.
- MARGALIT, Avishai. 2002. *The ethics of Memory*, Londres, Cambridge: Harvard University Press.
- MESNARD, Philippe. 2000. *Consciéncias de la Shoah: Critique des discours et des représentations*, Ed. Kimé.
- POLLAK, Michael. 1990. *L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*, Paris: Éditions Métailié.
- POLLAK, Michael. 1985. "Encadrement et silence: le travail de la mémoire", in: *Pénélope*, 12, 1985, pp. 37 ss.
- POLLAK, Michael. 1986. "La gestion de l'indicible", in: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62/63, 1986, pp. 30ss.
- POLLAK, Michael e N. HEINRICH. 1986a. "Le témoignage", in: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62/63, 1986, pp. 3 ss.
- RICOEUR, P. 2000. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris: Seuil. [Trad. Brasileira : *História, Memória., Esquecimento*, Campinas : Editora da UNICAMP, 2008]
- RÜSEN, Jörn e STRAUB, Jürgen (orgs.). 1998. *Die dunkle Spur der Vergangenheit. Psychoanalytische Zugänge zum Geschichtsbewusstsein*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2005. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*, S.Paulo: Editora 34, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2001. "Literatura e Trauma: um novo paradigma", in: *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani III* (2001), Pisa e Roma, pp. 103-118. (agora in: *O local a diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*, S.Paulo: Editora 34, 2005, pp. 63-80.)
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). 2003. *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2003. *Adorno*, S. Paulo: PubliFolha.
- SOMMER, Doris. 1996. "No Secrets", in: Gugelberger, Georg M. (org.) *The Real Thing*, Durham: Duke University Press.
- TORRANO, Jaa, A fundação mítica do tribunal do Areópago na tragédia *Eumênides* de Ésquilo", in: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 3, 2001, 7-23.
- TRAVERSO, E. 1997. "L'imperatif catégorique d'Adorno", in: E. Traverso, *L'Histoire déchirée*, Paris: Cerf, pp. 123-143.
- VENUTI, L.. 1998. *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*, London/New York: Routledge.
- WAJMAN, Gerard. 1998., *L'objet du siècle*, Paris: Verdier.
- WEIGEL, Sigrid. 2000. "Zeugnis und Zeugenschaft, Klage und Anklage", in: *Zeugnis und Zeugenschaft: Jahrbuch des Einstein Forums 1999*, Akademie-Verlag, 2000, pp. 111-35.

- WEINRICH, Harald. 1997. *Lethe. Kunst und Kritik des Vergessens*, München: C.H. Beck.
- WELLS, Gary L., e LOFTUS, Elisabeth F. (org.). 1984. *Eyewitness Testimony. Psychological Perspectives*, Cambridge/ New York: Cambridge UP.
- WHITE, Hayden. 1987 *The Content of the Form: Narrative Discourse and Historical Representation* (Baltimore e Londres: The Johns Hopkins UP.
- WIEVIORKA, Annette. 1998. *L'ère du témoin*, Paris: Plon.
- WIEVIORKA, Annette. 1992. *Déportation et genocide. Entre la mémoire et l'oubli*, Paris: Plon.
- WIEVIORKA, Annette et Claude MOUCHARD (org.). 1999. *La Shoah. Témoignages, savoirs, œuvres*, Cercil/ Presses Universitaires de Vincennes.
- WILKOMIRSKI, Binjamin. 1998. *Fragmentos. Memórias de uma infância 1939-1948*, S. Paulo: Iluminuras.
- WINTER, Jay e SIVAN, Emmanuel (orgs.). 1999. *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Cambridge: Cambridge University Press.
- YOUNG, James. 2000. *At Memory's Edge. After-Images of the Holocaust in Contemporary Art and Architecture*, New Haven/London: Yale UP.